

> DIÁRIO <



Miguel Gonçalves Mendes

Memória visual

São Paulo, 3 de agosto de 2012

Não sei se foi o fim da minha relação que determinou a minha vinda para o Brasil ou se foi a minha vinda para o Brasil que determinou o fim da minha relação. Fernando Meirelles convidou-me a realizar um documentário para a Fox (televisão por cabo) sobre o sistema de educação brasileiro. Chegar a uma nova cidade, que é apenas nossa por empréstimo, é sempre um misto de apreensão e de conforto – apreensão por sabermos que a partir de agora estaremos sozinhos e conforto pela mesmíssima razão.

4 de agosto

Poucas são as pessoas, das que conheço, que amam São Paulo quando a veem pela primeira vez. No meu caso foi diferente. Foi logo um amor à primeira vista, em 2010, mas que só se tornou claro quando, dois anos mais tarde (agora), me apaixonei aqui por alguém. Em 2010, cheguei a São Paulo, dopado por comprimidos por causa do pânico de andar de avião. Recordo-me de ver *outdoors* escritos em português e de achar que estava no *Blade Runner*, numa espécie de futuro. Dei comigo a pensar que se quisesse perspetivar uma concretização futura de Portugal, ela só poderia ser o Brasil. Mas apesar das semelhanças, infelizmente o ser humano vive e alimenta-se de preconceitos. Para os brasileiros Portugal será sempre o país das piadas, das mulheres de bigode, das padarias e das carroças. Já para os portugueses o Brasil continuará a ser novelas, samba, selva, praias, carnaval e favelas. Na nossa ausência de conhecimento, não reconhecemos a arte erudita e apenas toleramos a popular. Somos o espelho uns dos outros. Apenas em lados distintos do oceano.

É estranho que relações que há muito tinha deixado de cultivar se tenham tornado mais fortes aqui, à distância de uma *webcam* e de um *skype*. Mas a vida é oficialmente estranha e esse é sem dúvida o problema: não saber vivê-la em paz.

11 de agosto

Mais uma vez (sentindo-me como se fosse a primeira), retorno à O2 Filmes, produtora de Fernando Meirelles, que me irá acolher nos próximos cinco meses. Ali, num edifício gigantesco onde cerca de 400 pessoas produzem por ano mil filmes publicitários, seis longas metragens, 12 séries de TV, apercebo-me de que tudo tem a sua devida escala – o Brasil é o Brasil e Portugal é Portugal. Nesse momento, lembro-me da Daniela e do Pedro, a esta hora em Lisboa, na nossa produtora caseira. E tenho saudades. Todas as manhãs vejo dois prédios em construção nas traseiras onde fumo. Todos os dias me pergunto se ficarei aqui a tempo de o ver concluído.

20 de agosto

Os dias passam e a data do início da rodagem tarda em ser marcada.

No “poupa tempo”, numa espécie de loja do cidadão, aguardo pacientemente pelo meu Cadastro Nacional das Pessoas Físicas, sem o qual não posso, a partir de agora, viver aqui. Olho os emigrantes em volta e consciencializo-me de que também eu passei a ter o mesmo estatuto. Recebido com um generoso sorriso, recordo-me das imagens que via na tv em Lisboa: do SEF, das filas intermináveis e de como os imigrantes são “os culpados de tudo”.

Pergunto-me que mundo é este e se a Pilar [del Rio] não terá razão quando afirma que na Carta dos Direitos do Homem deveria estar inscrito o nosso direito a emigrar e/ou a permanecer na nossa terra de origem. Como é possível convidar os concidadãos a partir sem se ser imediatamente demitido? Recordo-me então de que temos um Presidente longe de estar à altura do momento histórico que vivemos. E é neste momento que dou graças a Deus (se ele existir) por não estar no meu país. E decido não ler mais *Públicos* nem *DNs*, nem nada que me faça sofrer mais. Em geral, sem televisão e sem meios de comunicação de massas, o mundo é bem melhor.

25 de agosto

A pesquisa começa. A Stela – roteirista, pesquisadora e documentarista premiada – organizou um almoço. Tem um sentido de humor tão corrosivo como o meu, é mãe de uma filha extraordinária que lhe diz que é muito feio fazer chantagem emocional e mulher de um austríaco que adora cozinhar e beber mas que não suporta nem a Áustria nem a Alemanha. Como o percebo.

Recebem-me de braços abertos. Vivem em Itapevi, uma favela rural de São Paulo, onde têm um sítio (a nossa herdade ou quinta) com uma escola para crianças carenciadas. Às vezes lembro-me que existem pessoas boas no mundo. No almoço está o Marcelo (o diretor da série), o famoso Bondansky, realizador do *Transamazônia* do cinema novo brasileiro, a sua mulher, Cecília, e por momentos (pode ser da luz e do



Miguel Gonçalves Mendes, 34 anos, realizador e produtor, da sua filmografia fazem parte Autografia, sobre Mário Cesariny, e José e Pilar, sobre Saramago e a mulher. Esteve recentemente no Brasil a rodar um documentário sobre Educação. Prepara ainda o filme O Sentido da Vida

pôr do sol) sinto uma estranha paz.

Mas, no meio da calma bucólica, sou acusado de ser viciado em gadgets e aplicações: – “Larga o *iphone*”, dizem-me. Falo então de Lisboa, da luz de Lisboa, da sua escala humana e das saudades que sinto. Cinco dias depois, numa noite de festa e de excesso de álcool, num taxi, perco o *iphone*. Com este já vão três. E decido: não quero mais ser contactado. No dia seguinte, de ressaca, a pesquisa começa.

Rio de Janeiro, 1 de setembro de 2012

É sempre estranho ver uma crónica publicada num jornal, sobretudo num país estrangeiro.

E tal como nunca me habituei a escrever a palavra realizador na “profissão”, ainda mais estranho é ver o meu trabalho exibido como um todo. A mostra dos meus filmes fica patente uma semana no Instituto Moreira Salles.

Tenho um problema com o Rio de Janeiro: nem eu gosto dele, nem ele gosta de mim. O que não invalida que o meu lugar preferido do mundo seja o Arpoador. As minhas passagens por aqui são tão exuberantes na depressão como o Rio é na paisagem. A cidade parece-se demasiado com Lisboa: bonita, suja, caótica, arrogante e com soberba. Semelhantes naquilo a que chamo “síndrome do império”.

2 de setembro

Hoje é o meu aniversário. O que queria não posso ter. Gosto do Rio nublado, gosto do Rio com chuva, quando perde as lantejoulas – quando se torna feio e humano. Gosto do Rio Gotham City. Nestes últimos dois meses conheci provavelmente mais gente do que nos últimos quatro anos. A Marianna Olinger foi das grandes descobertas da minha vida. E só uma pessoa louca poderia pedir-me os meus sms para fazer uma instalação artística.

3 de setembro

Acabo de fazer 34 anos em trânsito, entre Rio e São Paulo. Não tomei comprimidos no avião e só bebi um whisky. Na noite anterior, a Tatiana, ao dar-me os parabéns, alertou-me para dois cenários: ou deixamos os problemas no último minuto ou eles transitam connosco para a nova idade.

Caio numa agonia brutal próxima da que vivi no último mês em Lisboa. Nessa mesma noite, e da forma mais estúpida que se poderia imaginar, conheço o Marcos. Ao entrar numa loja vejo uma ardósia com a seguinte premonição: “Quando você pensa que sabe todas as respostas, vem a vida e muda todas as perguntas”.

São Paulo, 10 de setembro

Passo a viver numa estranha paz. Obrigam-me a andar, ir ao

cinema, ficar em casa, não beber. Tenho vergonha de contar ao João e à Fê que tenho uma nova história tão intensa como as anteriores. E por isso digo-lhes que passados 11 anos tenho de aprender a estar sozinho. A rodagem começa.

São Paulo, 10 de outubro 2012

O trabalho, não sei por quê, sempre foi uma pena que estoicamente achava que devia aguentar. Mas pela primeira vez fui minimamente feliz. Também nunca havia trabalhado com uma equipa tão grande em documentário: pesquisadores, roteiristas, assistentes de realização, assistente de produção. As entrevistas fluíram e os planos captados acabaram por superar os que haviam sido planejados. À noite, os pesadelos persistem.

17 de outubro

Em São Paulo, o Marcos obriga-me a caminhar quilómetros e quilómetros – ele sabe que eu odeio andar. Na Augusta compramos o DVD pirata do *José e Pilar*. O senhor da banca diz que o filme é muito bom e que é o último exemplar. Comprar o nosso próprio filme por cinco reais muda a perspetiva das coisas e faz-nos perceber que, em última instância, o importante é que seja visto. É verdade que não sabemos ainda, neste novo mundo, como pagar as contas ao fim do mês, mas é com profundo orgulho que vejo a senhora ao meu lado apontar para o filme que tenho nas mãos e dizer: é obrigatório ver.

18 de outubro

O sistema educativo brasileiro, além de injusto, é efetivamente de exclusão. Vitor Ikeda, professor em três escolas de elite, afirma que a educação não serve para aquilo que sempre esperamos dela: a ascensão social. O capital económico, social e cultural prevalece e como tal as elites arranjarão sempre formas que as diferenciem (doutoramentos, etc). Fico a pensar se a Fox não achará o documentário ideológico demais.

23 de outubro

No meio das sucessivas crises a minha mãe escreve-me cartas para me tentar ajudar, a Daniela com problemas bem mais graves do que os meus ouve-me durante horas e o Pedro continua a montar *Nada tenho de meu*. Compro as passagens para mim e para o Marcos e questiono-me qual será a sua reação ao meu espetáculo deprimente no avião. Para quem se esquece de pedir o visto no seu próprio país é assim: tem de ir a Buenos Aires.

O prédio já vai a meio. **JL**

